



**A DIVULGAÇÃO/CIRCULAÇÃO DO SABER CIENTÍFICO:
OBSERVAÇÕES A RESPEITO DO CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL E DO
PEQUENO VOCABULÁRIO DE LINGUÍSTICA MODERNA**

Data de recebimento: 17/03/2017

Aceite: 25/04/2017

Andressa BRENNER (UFSM)¹

Ana Paula CORREA (UFSM)²

Resumo: Neste artigo, realizamos uma breve análise a respeito do Prefácio do Curso de Linguística Geral e do Prefácio do Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna, ambos escritos por Isaac Nicolau Salum. Buscamos com isso observarmos como essas obras se relacionam entre si, focando na questão da produção/divulgação/circulação dos estudos relacionados à linguística moderna, mais precisamente os estudos saussurianos.

Palavras-chave: Curso de Linguística Geral. Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna. Divulgação/ Circulação do saber.

Abstract: In this article, we make a brief analysis about the Preface of the Curso de Linguística Geral and the Preface to the Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna, both written by Isaac Nicolau Salum. We seek to observe how these works relate to each other, focusing on the issue of production / dissemination / circulation of studies related to modern linguistics, more precisely Saussurian studies.

Keywords: General Linguistic Course. Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna. Disclosure / Circulation of knowledge.

1. Breve introdução

Sabemos que a Linguística se instituiu enquanto ciência da linguagem a partir dos pressupostos apresentados pelo suíço Ferdinand de Saussure, na publicação póstuma de seu Curso de Linguística Geral (CLG) em 1916.

O CLG foi organizado por Albert Sechehaye e Charles Bally, a partir de anotações feitas por discípulos de Saussure em três cursos ministrados por ele na Universidade de Genebra. De acordo com Benveniste (1989), as ideias de Saussure fundamentaram a linguística moderna, refletindo nos estudos linguísticos desenvolvidos na época, pois

¹ Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (Rio Grande do Sul – Brasil), linha de pesquisa: língua, sujeito e história. Graduada no Curso de Licenciatura em Letras - Habilitação Português e Literaturas da Língua Portuguesa da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: andressabfernandes93@hotmail.com

² Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (Rio Grande do Sul – Brasil), linha de pesquisa: língua, sujeito e história. Graduada no Curso de Licenciatura em Letras - Habilitação Português e Literaturas da Língua Portuguesa da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: anapaulaalvescorrea@gmail.com



“recusava quase tudo o que se fazia no seu tempo. Ele achava que as noções correntes não tinham base, que tudo repousava sobre pressupostos não verificados, e, sobretudo, que o linguista não sabia o que fazia” (Benveniste, 1989, p. 14). O *Curso* foi fundamental para a constituição da linguística enquanto ciência, pois, através desse, se definiu um objeto de estudo, a língua, acarretando na fundação de uma ciência autônoma e independente de outros estudos.

Claudine Normand (2009), em sua obra denominada *Saussure*, afirma que, a partir do século XIX até as primeiras décadas do século XX, tem-se a necessidade de se elaborar uma ciência que seja geral das línguas e que possa ser vista dentro do modelo das ciências da natureza. Porém, segundo a autora, a maneira de se realizar essa necessidade e seu objetivo pretendido formulavam diversas posições dentro da linguística, daquela época, e foram essas confusões de diversas posições que Saussure deu fim, quando foram apresentadas suas ideias de um novo ponto de vista sobre os estudos linguísticos.

De acordo com Fiorin et al (2013), a linguística que se iniciou, fundamentada por essa obra, considera a língua como: um sistema que conhece apenas sua própria ordem, um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica e uma forma e não uma substância, tendo essa ciência como objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma. Ao refletir sobre isso, o autor afirma que o *Curso* é um clássico da Linguística moderna, considerando clássico consoante às proposições do escritor italiano Ítalo Calvino, presentes em *Por que Ler um clássico?*, “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (CALVINO, 1998, p. 11).

No Brasil, os anos 70 são marcados por novas condições de produção no âmbito dos estudos linguísticos, temos como marco desse período a publicação portuguesa do CLG que buscava, além de trazer uma série de problemáticas, preencher as lacunas intelectuais nesse momento em que a Linguística estava, cada vez mais, tendo visibilidade junto aos Cursos de Letras (SCHERER et al, 2015). Paralelamente a publicação da versão portuguesa do *Curso*, outros instrumentos linguísticos, no país, foram produzidos, como o *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna*, com a intensão de divulgar as reflexões apresentadas na obra saussuriana.

A partir dessas considerações, o que propomos com esse trabalho é pensarmos a respeito do Prefácio à Edição Brasileira do *Curso* e do *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna*, a fim de observarmos como essas obras se relacionam entre si, focando na questão



da produção/divulgação/circulação dos estudos relacionados à linguística moderna, mais precisamente os estudos saussurianos.

2. A versão brasileira do CLG: como Salum nos apresenta esse clássico

Se observarmos o Prefácio à Edição Brasileira do CLG, escrito por Isaac Nicolau Salum, esse inicia o prefácio com uma explanação a respeito das edições do *Curso*: a primeira, francesa, publicada em 1916, tendo outras edições em 1922, 1931, 1949, 1955, 1962 e 1969. Quanto às traduções, tem-se início com uma versão japonesa, de H. Kobayashi, 1928, após, uma a versão alemã, de H. Lommel, 1931, e, logo depois, uma russa, de H. M. Suhotin, 1933. Ainda produziu-se uma versão espanhola, de Amado Alonso, 1945, sucedida das edições de 1955, 1959, 1961, 1965 e 1967, uma versão inglesa, de Wade Baskin, 1959, a qual foi publicada em Nova Iorque, Toronto e Londres, uma versão polonesa, 1961, e uma húngara, 1967, bem como uma versão italiana, de Tullio De Mauro, 1967. Ao partirmos desses dados, percebemos a grande repercussão e popularidade que essa obra teve no mundo. Conforme Salum, as frequentes reedições e traduções do *Curso*, na década de 60, mostram que era tempo de se publicar uma versão portuguesa, pois o interesse nessa obra era crescente, devido ao impulso que os estudos linguísticos viam tomando.

Salum, assim como Fiorin et al (2013), considera o *Curso* como um clássico, não como uma bíblia da linguística moderna, que dá a última palavra sobre os fatos, mas como um ponto de partida de uma problemática que continua na ordem do dia, afinal “ele (Saussure) é às vezes declarado “superado”. Só há, porém, um meio honesto de superá-lo: é lê-lo, repensar com outros os problemas que ele propôs, nas suas celebres dicotomias” (CLG, 2014, p. 13). Salum declara que o *Curso* apresenta problemáticas que continuam na ordem do dia e que ainda que novas soluções se ofereçam para as oposições saussurianas, Saussure está longe de vir a ser superado. Fiorin et al (2013) concorda com Salum, afirmando que em um período em que reaparecem as teses biológicas para explicar os fatos humanos, tornando vazio a dimensão social e cultural, Saussure é mais atual do que nunca, “Saussure não é um autor embolorado, mas que ele ainda tem coisas a nos ensinar” (FIORIN et al, 2013. p. 9). Para Fiorin et al (2013) é preciso na resistência à desumanização das chamadas “ciências do homem”, recorrendo, novamente a Calvino, afirma que Saussure é daqueles autores que “quanto mais pensamos conhecer, por ouvir dizer, mais se revelam novos, inesperados e inéditos” (CALVINO, 1998, p. 12).



De acordo com Petri et al (2013), a história da disciplina linguística no Brasil tem características específicas e conquistou seu espaço nos estudos da linguagem, encarando uma forte disputa com os estudos gramaticais e filológicos, denominados pré-linguística por Mattoso Câmara (1975), que eram predominantes até meados do século XX. Hamilton Elia, em *Sinopse dos Estudos Linguísticos no Brasil*, afirma que é a Linguística a terceira fase dos estudos linguísticos no Brasil, sendo precedida pelos estudos gramaticais e pelos estudos filológicos. E, a fim de se dar um corte entre essas fases, se origina a Linguística Moderna. De acordo com Faraco (2005), os manuais de história da lingüística costumam apontar Ferdinand de Saussure como o pai da lingüística moderna. Entendendo-se por lingüística moderna os estudos sincrônicos desenvolvidos durante o século XX em contraste com os estudos históricos.

Em meio a investidas relacionadas à Linguística Moderna, temos a produção de instrumentos linguísticos, que trabalharam para que fosse dada à Linguística a possibilidade de um efetivo funcionamento nos centros de pesquisa e de ensino universitário. Uma dessas obras foi o *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna*. Esse, conforme Petri (2013), foi uma demanda do momento específico das ideias linguísticas no Brasil, e é através dele que outras publicações surgiram, a fim de institucionalizar um saber, o saber linguístico. Deste modo, direcionamos nosso estudo para a compreensão dos modos pelos quais um conteúdo da ciência se disciplinariza e se estabelece através da institucionalização (SCHERER et al, 2015).

3. A Linguística Moderna: uma visão a partir de Saussure

O *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna* chegou ao público após estar em vigor a Nomenclatura Gramatical Brasileira, e o ensino de Linguística nos cursos de Letras já ser obrigatório. Ao observarmos o prefácio, escrito, também, por Isaac Nicolau Salum, em 1970, percebemos, consoante com Petri (2013, p. 152), que essa obra “[...] surge em atendimento à demanda da época, trata-se da instrumentalização que deve contribuir para uma efetiva institucionalização da Linguística Moderna como disciplina nas faculdades de Letras”.

Nesse prefácio, Salum afirma que se está vivendo na era das enciclopédias, as quais principiam dos gregos, visando designação e ideal; retomando Plínio Antigo e Quintiliano, os quais se referem a essas obras como um curso ou círculo de estudos que abrange todo o saber



da arte e das ciências, que são essenciais a um jovem para introduzir-se na vida profissional. Segundo o autor, foi no século XVI que o termo cyclopaedia/encyclopaedia foi usado pela primeira vez, sendo Louis Moréri, em o Grand Dictionnaire Historique, utilizar, primeiramente, a ordem alfabética. Esses instrumentos transformaram-se os mais eficazes para o aperfeiçoamento e sistematização dos saberes, tanto para leigos quanto para especialistas.

De acordo com Pombo (2006), o desejo do homem de abarcar a totalidade dos saberes está ligado à retomada da definição etimológica do vocábulo enciclopédia: círculo perfeito do conhecimento ou da educação, ciclo ou percurso completo da aprendizagem. A partir dessa definição, vê-se o anseio de se conseguir abordar em uma só obra todos os saberes já formulados. Scotta (2008) afirma que a metáfora da circularidade nos coloca diante da perspectiva do fechamento, uma vez que um círculo ou ciclo, em certo momento, se fecha. Essa metáfora, segundo a autora, ao longo da história da enciclopédia, esta presente em diversos momentos, embora, em alguns, ela seja significada de forma diferente da que a origem etimológica lhe confere, contudo esse modelo esférico, relacionado à enciclopédia, não é perdido.

Conforme Salum, jamais sairemos dessa era das enciclopédias, pois sempre se terá a necessidade, por parte dos estudiosos, “de um aprofundamento analítico e de uma visão sintética nos múltiplos ramos do saber, somada à de informações precisas e seguras de detalhe, a cada momento, à medida que se lê ou estuda, exige que, ao lado da bibliografia especializada, se tenha à mão, [...] conhecimentos humanos dicionarizados”. De acordo com o autor, devido à demanda dos modernos estudos, pesquisas e informações, da necessidade do nosso século, as enciclopédias começaram a ser publicadas em pequenos volumes, objetivando abarcar, em um alto nível, todos os saberes separadamente. Isso possibilitou o aparecimento dos dicionários especializados, caracterizados por englobarem os fatos mais relevantes de uma ciência, proporcionando o assessoramento, dos leigos e especialistas, no entendimento de obras técnicas.

Para Salum, há um dicionário em especial, para os estudos da linguística moderna que merece evidência: *Dicionário dos Fatos Gramaticais*, de J. Matoso Câmara Jr., publicado, em um primeiro momento, em 1956; após, em uma segunda edição, sob o título de *Dicionário de Filologia e Gramática*, em 1963. Conforme o autor, os títulos dessas obras deixam clara a preocupação pedagógica existente, muito embora, apresente pontos de vista relativos à



linguística moderna. Além desse dicionário, o autor cita outros, que para ele se apresentam como antiquados e deficientes, mesmo ditados pelas modernas orientações de estudo derivadas do *Curso de Linguística Geral*.

Salum reconhece que a grande quantidade de trabalhos a respeito de estudos linguísticos sendo realizados nessa época era significativa, e as diferentes conotações de um mesmo termo, distintas por diferentes escolas, originou instabilidade de noções, que dificultou a leitura e estudo de livros e artigos relacionados à linguística moderna. Isso fez com que muitas pessoas precisassem de dicionários de linguística: estudantes de letras e das demais ciências humanas, professores e estudiosos de linguística.

Por fim, ele apresenta o *Pequeno Vocabulário* que reuniu terminologias de diversos estudos relacionados à linguística moderna, como tratados, manuais e artigos especializados, inclusive dos anos de 1968 e 1969. Segundo o autor, esse dicionário é simples e modesto e busca a atualização de informações, sendo destinado a estudantes e professores, mostrando seu foco no ensino, como um instrumento didatizador do ensino de Linguística.

Tanto o prefácio à Edição Brasileira do CLG quanto o prefácio do *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna* são escritos por Isaac Nicolau Salum e expressam uma condição das obras como colaboradoras para reflexões sobre a Linguística, não que as duas tenham o mesmo peso teórico, mas o papel de detentoras de um saber acadêmico direcionado a todos àqueles que se interessam pela Linguística. Diríamos que no Prefácio do *Curso*, levando em consideração a primeira edição em língua portuguesa, 1970, Salum se dedica a apresentar a obra como um clássico que continuará sempre, provocando discussões na contemporaneidade, pois apresenta considerações importantes sobre os estudos da linguagem e das ciências humanas, e no prefácio do *Pequeno Vocabulário*, escrito no ano de 1970, temos um autor preocupado com a elaboração de instrumentos que tenham como objetivo a divulgação do saber científico linguístico, levando em consideração as informações dos estudos mais modernos dessa época.

4. *Curso de Linguística Geral* e *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna*: os prefácios de Salum e o ano de 1970

Salum foi professor titular de filologia românica do Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e



Ciências Humanas da USP, membro de várias associações científicas nas áreas de linguística e filologia, atuou também como tradutor e foi convidado a escrever vários prefácios durante sua carreira.

É interessante pensar que o mesmo intelectual que escreve o prefácio do *Curso de Linguística Geral*, uma obra clássica e fundadora dos estudos Linguísticos, escreve, no mesmo ano, o prefácio do *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna*, uma obra fiel aos pensamentos saussurianos, que funciona como um apoio teórico ao estudo da Linguística, visando à divulgação/circulação do conhecimento dessa ciência, através da disciplinarização/pedagogização da Linguística Moderna. Nas palavras de Scherer et al o saber científico é pedagogizado:

[...] como um saber científico e um certo conteúdo que se repete e que se singulariza sob forma de um saber acadêmico pode se transformar em um conteúdo disciplinar. Portanto, da reflexão e da produção do conhecimento, temos um movimento nunca contínuo e muito menos linear em que o conhecimento, ao se instar na transmissão, se coloca como um saber acadêmico pedagogizado no intuito de tornar “mais racional” e didático um saber que está em outro lugar e espaço temporal (SCHERER et al, 2015, p. 76).

Scherer et al reflete sobre a produção do conhecimento, trazendo a questão da pedagogização do saber como um modo de aproximar o estudante de linguística de um conhecimento que parece estar distante por estar em um outro espaço, da ordem do científico e não do disciplinar, isto é, institucionalizar como disciplina aquilo que é ciência.

Guimarães (2009) afirma que a circulação do conhecimento científico faz parte do processo de produção de conhecimento na sociedade contemporânea e se apresenta de duas maneiras: a circulação do conhecimento e a divulgação do conhecimento. Na primeira maneira, segundo o autor, o conhecimento se dá numa cena enunciativa em que locutor e destinatários são especialistas, enquanto que na segunda, o conhecimento se dá numa cena enunciativa em que se tem como destinatário o público que espera os resultados da ciência.

Para Guimarães (2009) a relação de cientista a cientista acontece por meio de periódicos especializados impressos, enquanto que a divulgação científica se realiza pela Escola. E a questão da circulação de conhecimento, para ele, deve ser concebida como elemento do processo de produção de conhecimento, o qual implica um conjunto de relações político-enunciativas entre Estado, cientista, sociedade e mídia.



Tratando então dessa relação estado, cientista, sociedade e mídia que nos é exposta por Guimarães, observamos a questão do processo de formulação e da popularização dos conhecimentos científicos, que devem ter um compromisso ou responsabilidade éticos com o sujeito-autor desse texto de divulgação, bem como com o meio em que este será divulgado (CERVO 2006). Assim, ao divulgar o saber científico, espera-se certa linearidade entre o pensamento desse sujeito-autor, que será materializado nesses instrumentos de circulação do conhecimento.

Ressaltamos a importância de se discutir sobre divulgação do conhecimento científico, visto que pode haver, muitas vezes, um silenciamento de alguns sentidos de extrema importância para o esclarecimento da teoria linguística. Segundo Cervo:

É por todo esse deslizamento de sentidos entre um texto e outro que em vez de apenas se falar, hoje em dia, em popularização da ciência, vai-se falar também em vulgarização, designação cujo sentido, no contexto em questão, pode não somente remeter a um sinônimo de popularizar. É possível popularizar vulgarizando, banalizando, muitas vezes demonstrando descompromisso com a ciência em si e com a sua relevância na conjuntura sócio-histórica, o que pode ser um sinal de que, talvez, muitas vezes, no discurso de divulgação da ciência, a própria ciência possa estar sendo apagada ou silenciada (CERVO, 2006, p. 3).

Neste sentido, a partir dos dois prefácios analisados neste estudo, das informações trazidas por Salum e de todo esse percurso teórico histórico para pensar essa questão pelo viés da produção/ divulgação/ circulação/ disciplinarização da linguística é possível entender que alguns instrumentos vêm de estudos muito aprofundados da ciência linguística instituída por Saussure, isto é, a preocupação foi além de apenas produzir um material de circulação do conhecimento, mas houve também uma preocupação em manter-se uma correspondência com os pressupostos saussurianos, como é o caso do *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna* muito bem apresentado por Salum.

Por fim, no que se refere ao CLG, levando em consideração seus estudos, o que entendemos é que ele continuará provocando discussões na contemporaneidade, pois apresenta considerações importantes sobre os estudos da linguagem e das ciências humanas, bem como movimenta reflexões sobre linguagem, no momento que instituí uma ciência linguística delimita um objeto e um método. No CLG, logo nas primeiras observações do prefácio à edição brasileira o autor diz que o objetivo principal da edição é apresentar a vida e obra de Saussure e também indicar outras fontes para o estudo dos pares saussurianos, Salum



fala da rápida evolução dos pensamentos e investigações que circundam a Linguística Moderna, afirmando que o curso é um livro “clássico”, mas que isso não significa que detenha um saber absoluto e inquestionável.

No que se refere ao *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna*, a partir das observações feitas por Salum no prefácio da obra, entendemos que ele surge em um momento em que a disciplinarização da Linguística nos cursos de Letras, está tomando grandes proporções e, neste sentido, este instrumento foi pensado para contribuir com a divulgação desse saber saussuriano que confere a Linguística o estatuto de ciência. O que temos então no prefácio do CLG é Salum ressaltando esse lugar de clássico do *Curso*, que carrega o saber, mas um saber ainda a ser muito mais desenvolvido a partir de outras fontes, já no prefácio do *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna* Salum, não trata tal obra como um clássico, mas sim com um instrumento que ajudaria na introdução ao estudo da Linguística enquanto disciplina.

5. Referências

- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas, SP: Pontes, 1989
- BORBA, Francisco da Silva. **Pequeno vocabulário de Linguística Moderna**. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Editora da Universidade de São Paulo, 1970.
- BORGES NETO, J. **História da Linguística no Brasil**. Estudos Linguísticos, São Paulo, v. XXXIV, p. 4-13, 2005.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. **História da Linguística**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.
- CERVO, L. M. Popularização, vulgarização: trajetos de socialização do discurso de divulgação científica e seus efeitos de sentido. **Algumas considerações**. 2006.
- FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento & BARBISAN, Leci Borges (orgs). **Saussure: a invenção da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.
- GUIMARÃES, Eduardo. Linguagem e Conhecimento: Produção e Circulação da Ciência. **RUA** [online]. 2009, no. 15. Volume 2
- NORMAND, Claudine. **Saussure**. Trad. Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.



PETRI, Verli; OLIVEIRA, G. T. ; BIAZUS, C. Dois Instrumentos Linguísticos no Período de Institucionalização da Linguística no Brasil: diferentes funcionamentos. **Conexão Letras**, v. 8, p. 143-156, 2013.

POMBO, O. **O Enciclopedismo Renascentista e Barroco**. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/enciclopedia/cap2p3/enobar.htm>>. Acesso em: 6. Julh. 2016.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHERER, A. E.; SCHNEIDERS, C. M.; MARTINS, Taís. **Saussure e os estudos saussurianos no sul: algumas reflexões**. Língua e Instrumentos Linguísticos, v. 35, p. 73-94, 2015

SCOTTA, L. **Da enciclopédia enquanto um círculo que se fecha à Wikipédia enquanto uma rede que se abre: um gesto interpretativo**. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras)- Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul. 2008.